

Juro vira estopim para ataque do 'fogo amigo'

Rafael Neddermeyer/AE

Ed Ferreira/AE

Roberto Castro/AE

Ministros e aliados do governo criticam política econômica. Mas não se acredita em cisão

SHEILA D'AMORIM

BRASÍLIA – A interrupção do processo de queda dos juros e a instabilidade que tomou conta do mercado financeiro na semana passada provocaram uma nova onda de críticas, explícitas ou veladas, à política econômica, vindas justamente de quem deveria, por princípio, defender o governo: ministros e aliados políticos.

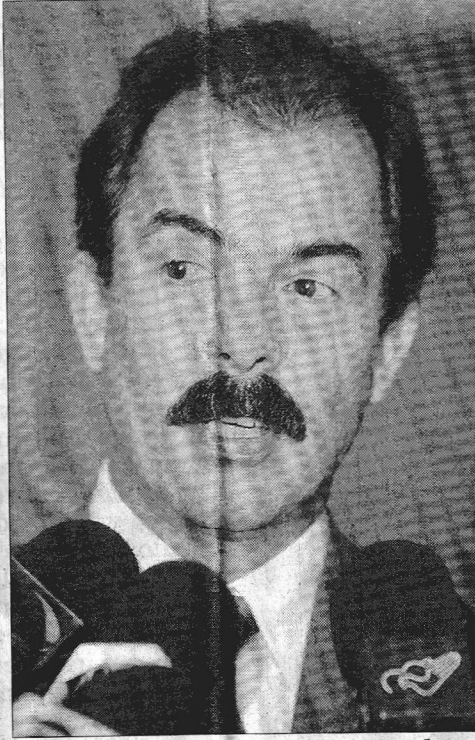
As rajadas de “fogo amigo” vieram do líder do PT no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP); do ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan – ambos criticando a política monetária –, e de uma área inusitada: do novo ministro da Educação, Tarso Genro, e de seu antecessor no cargo, o senador Cristovam Buarque (PT-DF). E, repetindo um procedimento do início do ano passado, quando previu que os juros encerrariam 2003 em torno de 16%, o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, aventurou-se novamente pela seara econômica e antecipou o comportamento da taxa básica de juros até o final do ano, afirmando que ela deve chegar a 12,5% em dezembro.

O tiroteio não pareceu abalar a equipe econômica, que sofreu ataques semelhantes ao longo de 2003. “As pessoas precisam entender que este governo é diferente do anterior. As pessoas falam mais, opinam mais, o que não quer dizer que isso tira poder de uns e dá para outros”, avalia uma fonte da área econômica.

Essa confusão nos discursos e a explicitação da divergência no governo sobre a condução da política econômica, sinali-



Furlan: Vestimos a carapuça do passado



Mercadante: críticas à política ortodoxa



Tarso: transição para uma nova política

zando uma forte briga de poder, deixou a impressão de que mudanças estariam em andamento. “A política econômica não será mudada”, aposta o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, sócio da Tendências Consultoria Integrada. Ele acredita que tanto o presidente Luiz Inácio Lula da Silva quanto José Dirceu aprovaram a política econômica em curso. “Eles foram capazes de avaliar que uma ruptura inviabilizaria o governo e o projeto de poder desse grupo.” Dentro da equipe econômica, avalia-se que a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) de manter em 16,5% a taxa de juros foi o estopim para os ataques que se seguiram.

Mercadante, por exemplo, foi aos jornais criticar a “lógica liberal, ortodoxa e monetarista” do Copom. Furlan, que estava na Índia no começo da semana, acompanhando o presidente, também atacou: “Estamos

vestindo uma carapuça do passado sem olhar para o futuro”, disse. “Estamos com uma taxa de dois dígitos, que é coisa exageradamente alta.”

Há, porém, outra discussão de fundo no governo. A uma certa altura do ano passado, ficou claro que seria um ano de arrumação da casa, sendo esse processo confiado principalmente ao ministro da Fazenda, Antônio Palocci. Em 2004, portanto, seria hora de colocar outros projetos na rua. Esse pensamento parece estar por trás da declaração de Tarso

Genro, para quem o novo Ministério, com a incorporação do PMDB, dará suporte a uma “transição para a nova política econômica”.

Quando comandava o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Genro não poupou críticas à política econômica conduzida pelo ministro da Fazenda. Cristovam Buarque também expressou esse pensamento. “Fracassaremos se formos apenas os guardiões da moeda e da economia”, alertou

em carta enviada no início deste ano ao ministro-chefe da Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica, Luiz Gushiken.

“Não há mágica, não há ilusão. O Brasil decidiu ser um país arrumado no longo prazo”

Antônio Palocci, ministro da Fazenda

Integrantes da área econômica do governo admitem o “fogo amigo”, mas minimizam seu efeito, lembrando que os ataques não vêm de pessoas do chamado “núcleo duro”. A respeito das declarações de Dirceu sobre juros, asseguram assessores de ambos os lados que “foi tudo combinado” com Palocci. Além disso, a trajetória para a Selic descrita por Dirceu não é muito diferente da esperada pelo mercado, que aposta numa taxa de 13,5% em dezembro.

“Sem mágica” – Dirceu e Palocci, porém, passaram a semana desafiando com relação ao projeto de lei que estende à Amazônia Ocidental e ao Amapá os benefícios fiscais da Zona Franca de Manaus. A Receita Federal emitiu parecer contrário, mas Dirceu insiste que o Ministério da Fazenda não é contra a mudança. Palocci equilibra-se no muro, dizendo que o tema está sendo analisado. Se os benefi-

cios forem estendidos, será a segunda derrota da Fazenda neste ano. A primeira foi a demissão do presidente da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Luiz Guilherme Schymura.

Mailson acredita que o governo não pode nem se vai dar ao luxo de enfraquecer Palocci. “Seria colocar em risco o processo de recuperação econômica que está em marcha”, avaliou. “Eles podem divergir, mas esse grupo tem cola suficiente para se manter no poder.” Diferente de outras equipes de governo, lembrou o ex-ministro, os integrantes do núcleo de poder não começaram como colegas de trabalho para depois se tornarem amigos. O processo foi o inverso: eles são amigos há duas décadas e agora são colegas de governo.

O próprio Palocci tratou de mandar seu recado. “Não há mágica, não há ilusão”, afirmou. “Não vamos tomar medidas para ter, durante um ano, um crescimento excepcional.” Segundo ele, “o Brasil decidiu ser um país arrumado no longo prazo”. Mesmo assim, as projeções de Dirceu sobre juros surpreenderam boa parte da área econômica. Em 2003, quando as críticas à política de juros altos implementada no primeiro semestre ecoavam aos quatro cantos, o BC procurou identificar que pessoas provocavam maior impacto sobre o mercado financeiro. Não deu outra: José Dirceu, considerado o ministro mais poderoso da Esplanada.

O próprio presidente do BC Henrique Meirelles, encarregou-se de mostrar para o ministro com gráficos e tabelas, a repercussão que suas declarações sobre juros e câmbio tinham nos mercados. Foi o suficiente para Dirceu adotar uma postura mais cautelosa que, agora, ele parece ter deixado de lado novamente. (Colaborou Lu Aiko)